

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

BRUNA CIGANI GOMES

**A TRAJÉTORIA DO CONCEITO DE IDEOLOGIA E COMO O TERMO FOI  
APROPRIADO NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL ENTRE 2012 E 2017**

JUIZ DE FORA

2018

BRUNA CIGANI GOMES

**A TRAJÉTORIA DO CONCEITO DE IDEOLOGIA E COMO O TERMO FOI  
APROPRIADO NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL ENTRE 2012 E 2017**

Monografia apresentada ao curso de especialização de *Filosofia, cultura e sociedade*, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), como requisito final à obtenção do título de Especialista.

JUIZ DE FORA

2018

**SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>2. A TRAJETÓRIA DO TERMO IDEOLOGIA.....</b>	<b>3</b>
<b>2.1. DE MARX À ESCOLA DE FRANKFURT .....</b>	<b>3</b>
<b>2.2. IDEOLOGIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>15</b>
<b>3. CONCLUSÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A ideologia é um termo que vem sendo trabalhado desde 1796, foi apresentado pela primeira por Antoine Destruitt de Tracy – filósofo e político francês – durante a Revolução Francesa, com o objetivo de descobrir qual era a origem das ideias, constituindo assim uma ciência. Mas, nesse período, tal ciência não teve grande impacto, desse modo, foi deixada de lado. Esse termo foi resgatado 49 anos depois, por volta de 1845/1846, por Karl Marx e Friedrich Engels, que trouxeram um novo significado para o termo.

A partir daí, a ideologia ganhou grande importância e foi bastante desenvolvida pela *Escola de Frankfurt* e continua sendo trabalhada nos dias atuais. Exerce grande influência na teoria política e foi incorporada por várias vertentes teóricas. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo explorar o desenvolvimento do conceito ideologia; sabe-se que, infelizmente, não será possível trabalhar toda complexidade de tal conceito, porém será trabalhado pontos essenciais para que esse conceito seja compreendido, e, em conjunto, o contexto histórico de cada período que está atrelado para a construção desse conceito.

Nos dias atuais, há autores que defendem a ideia de que não existe mais ideologia, que estamos em uma época de grandes avanços, que a ideologia já não tem mais espaço. Em contrapartida, nesse trabalho, será feita uma crítica a essa teoria com base em autores que acreditam que a ideologia é algo permanente.

Após essa breve trajetória da ideologia, o objetivo maior deste trabalho é mostrar como essas ideologias estão presente nos movimentos sociais e políticos que vem ocorrendo no Brasil nos últimos anos.

## 2. A TRAJETÓRIA DO TERMO IDEOLOGIA

### 2.1. DE MARX À ESCOLA DE FRANKFURT

O desdobramento da ideologia, como já dito acima, se deu a partir de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1845/1846, com a obra que eles escreveram em conjunto, a saber: *A ideologia alemã*. Entretanto, essa obra só foi publicada em 1932 e segundo o autor José Paulo Netto “Inédita até 1932, *A ideologia Alemã* é muito mais que um balanço crítico da filosofia alemã pós-hegeliana: nela comparecem, pela primeira vez explicitamente, as originais concepções teórico-metodológicas que estarão na base da teoria social de Marx” (NETTO, 2012, p. 17).

É importante frisar a influência de Georg Wilhelm Friedrich Hegel<sup>1</sup>, não só para Marx, mas também para seus contemporâneos; pois, após sua morte, em 1831, seus seguidores dividem-se em dois grupos: de um lado estava a direita hegeliana, em que inferiam consequências conservadoras de seus sistemas, e, por outro lado, estava a esquerda hegeliana, também conhecida como jovens hegelianos, que tinha como objeto o método dialético. Marx se enquadrava dentro do cenário dos jovens hegelianos, participava de um grupo de intelectuais hegelianos denominado *Doktorclub*.

É n’*A ideologia alemã* que Marx e Engels vão fazer uma crítica aos seus companheiros jovens hegelianos, a saber: Ludwig Feuerbach (1804 - 1872), Bruno Bauer (1809 – 1882) e Max Stirner (1806 -1856). Esses autores defendem a ideia de que a libertação do homem se dá através da autoconsciência, de um ato pensamento; ao contrário de Marx e Engels que defendem a ideia de que tal libertação dos homens constitui-se através de atos históricos. Os atos históricos são fundamentais na filosofia de Marx e Engels, pois são através desses atos que os indivíduos exercem algumas atividades sociais para gerar as suas condições de existência. A primeira atividade social exercida pelos indivíduos é a “produção de vida material”, no qual os indivíduos direcionam-se para a produção das condições básicas de sua sobrevivência como, por exemplo, alimentação, vestimenta, moradia e afins. Com essas

---

<sup>1</sup>Hegel faz parte de uma corrente filosófica denominada *Idealismo alemão*, que exerceu grande influência com sua obra *Fenomenologia do Espírito* (1807). Essa corrente originou-se a partir da publicação de Immanuel Kant de sua obra ilustre, a saber, *A crítica da razão pura*. Essa corrente conta com outros dois autores marcantes: Johann Gottlieb Fichte e Friedrich Wilhlm Joseph Von Schelling. O fim dessa corrente se dá com a morte de Hegel.

necessidades já supridas, os indivíduos passam para a segunda atividade, que é a criação de novas necessidades. E a última atividade é a criação de uma nova relação social através da família, e é na família que o patriarcado concebe a primeira relação de propriedade, pois, segundo os autores, “(...) a propriedade é o poder de dispor da força de trabalho alheia” (MARX e ENGELS, 2007, p. 37).

E essa produção de vida divide-se em relação natural e relação social. No primeiro caso o indivíduo tem como objetivo a produção da própria vida através do trabalho e a produção da vida alheia através da procriação; já no segundo caso, com a colaboração de vários indivíduos, é estabelecido as “forças de produção”, que é a soma das forças de produção dos homens para gerar um estado social. Dessa forma, descobre-se que o homem tem consciência, a primeira forma dessa consciência é a linguagem, que sempre esteve e sempre estará constituída no meio comum dos homens. Já outra forma de consciência é o meio sensível, que aparece de forma imediata na relação do homem, que possui um instinto consciente, diferente do animal, que possui um instinto não racional.

Dessa forma, desenvolve-se a divisão do trabalho, que num primeiro momento se constitui no ato sexual, e, em seguida em uma disposição natural como, por exemplo, na força corporal, na qual os homens fazem o trabalho que exige uma maior força física, enquanto a mulher fica com os trabalhos mais manuais. Mas, a divisão do trabalho funda-se efetivamente na relação entre trabalho material e trabalho espiritual. Sendo que, na concepção da classe dominante o trabalho espiritual compõe-se através do trabalho intelectual, no qual os pensadores são responsáveis por criar teorias; enquanto o trabalho material compõe-se dos membros ativos, aqueles que executam as teorias. E de acordo com os autores:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles que faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal<sup>2</sup> das relações materiais dominantes, são as relações materiais apreendidas como ideais; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda extensão,

---

<sup>2</sup> “ideológicas” (MARX e ENGELS, 2007, p. 47).

portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época. Por exemplo, numa época e num país em que o poder monárquico, a aristocracia e a burguesia lutam entre si pela dominação, onde portanto a dominação está dividida, aparece como ideia dominante a doutrina da separação dos poderes, enunciada então como uma “lei eterna”. (MARX e ENGELS, 2007, p. 47).

Dessa forma, é a classe dominante que não só exerce influencia dos pensamentos de sua época, mas, também é ela que detêm o domínio da criação e divulgação desses novos pensamentos. E, além disso, é a classe dominante que retém as forças de produção material e espiritual. E a partir dessa divisão efetiva do trabalho entre trabalho material e trabalho espiritual que a consciência consegue se desprender da consciência da práxis – que é uma consciência que não representa algo real – e, assim, consegue “emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. ‘puras’.” (MARX e ENGELS, 2007, p. 36 - 37).

Assim sendo, o conceito de ideologia constitui-se a partir desse domínio que uma classe possui sobre o pensamento e os meios de produção e, por consequência, também domina as classes que não possuem esses atributos. E, os autores fazem uma analogia entre ideologia e uma câmera escura, na qual as imagens, no nosso caso as ideias ou a realidade, são apresentados de forma distorcidas, de cabeça para baixo. Pois, os indivíduos são constituídos de um processo histórico condicionados a eles, tornando-se difícil enxergar a verdadeira realidade, como se pode observar no fragmento abaixo:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ele se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtos de suas representações, de suas ideias e assim por diante<sup>3a</sup>, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [*Bewusstsein*], não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [*bewusste Sein*], e o ser dos homens é o processo da vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmera escura, esse fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na rotina resulta de seu processo de vida mediatamente físicos. (MARX e ENGELS, 2007, p. 93-94)

---

<sup>3a</sup> “E, na verdade, os homens tal como são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material e por seu desenvolvimento ulterior na estrutura social e política. (Suprimido no manuscrito)” (MARX E ENGELS, 2007, p. 94)

Portanto, para Marx e Engels a ideologia é condicionada pela realidade de cada indivíduo e pelas ideias que são compartilhadas pela classe dominante. Dessa forma, a ideologia funciona como um véu entre o indivíduo e a realidade, no qual esse véu mascara a imagem da verdadeira realidade. E, a partir daí, o termo ideologia desdobrou-se no Instituto de Pesquisa Social, que foi fundada na década de 1920 na cidade de Frankfurt, fruto da diligência de Felix Weil (economista e cientista), Friedrich Pollock (economista) e Max Horkheimer (filósofo e sociólogo). O Instituto de Pesquisa Social ficou conhecido também como *Escola de Frankfurt* – tal denominação só surgirá na década de 1950, quando os integrantes retornam para a Alemanha depois do exílio – ou *Teoria Crítica*. Mas há algumas divergências com a nomenclatura *Escola de Frankfurt*, pois, em primeiro lugar, não era uma instituição de ensino e, de acordo com Marcos Nobre “(...) a ideia de “escola” passa a impressão de que se trata de um conjunto de autores que partilhavam integralmente uma doutrina comum, o que não é caso” (NOBRE, 2011, p. 16). Embora, todos tivessem como referência as obras de Karl Marx, há uma discrepância entre o pensamento dos membros desse instituto. Deve-se ressaltar que além de terem como base de seu pensamento a teoria marxista, há duas linhas que também exerceram grande influência dentro da Teoria Crítica: a primeira delas é o Idealismo Alemão; e, a segunda, é a psicanálise, com a ênfase em Sigmund Freud.

Além dos nomes já conhecidos e, que quando são escutados já é feita uma associação direta como a *Escola de Frankfurt* - como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse – o Instituto de Pesquisa Social também tem como membros: Henryk Grossmann, Arkadij Gurland, Franz Neumann, Otto Kirchheimer, Leo Löwenthal e Erich Fromm.

Em 1929, foi fundado dentro das instalações do Instituto de Pesquisa Social, o Instituto Psicanalítico de Frankfurt com a participação de Erich Fromm – que ficou muito conhecido seu projeto “freudomarxista”, que tinha como objetivo unir as ideias de Freud e Marx -, Karl Lansauer, Heinrich Meng e Frieda Fromm-Reichmann (esposa de Erich Fromm). E, em 1930, Max Horkheimer foi nomeado diretor do Instituto de Pesquisa Social.

É importante destacar que, a maioria dos membros do Instituto, além de serem marxistas, tinham suas origens judaicas. E com a ascensão do Nazismo na Alemanha, em 1931, o escritório do Instituto é fundado em Genebra, na Suíça, e o capital do Instituto é



transferido para a Holanda. Com a tomada de Hitler em 1933, o Instituto transfere sua sede administrativa para Genebra e, em 1934, se instalou em Nova York com o apoio da Universidade Colúmbia. Em 1939, eclode a Segunda Guerra mundial e a maioria dos integrantes vão para os Estados Unidos. Walter Benjamin ficou em Paris, mas em 1940 com a ocupação do exército alemão, ele foge para o sul da França, tenta fazer uma fuga clandestina para os Estados Unidos, mas ao perceber que as condições para chegar ao destino eram mínimas, por falta de um visto, Benjamin se suicida na fronteira espanhola em setembro. O exílio dos integrantes do Instituto vai até 1950, quando voltam para a Alemanha e Max Horkheimer divide seu cargo de diretor junto a Theodor W. Adorno.

Max Horkheimer foi o primeiro reitor da Universidade de Frankfurt pós-guerra, e com a ajuda de Theodor W. Adorno contribuiu para uma nova formação do pensamento crítico dos jovens alemães. Com a invasão dos jovens na Universidade nos anos de 1968-1969, Adorno – que era diretor nessa época-, decidiu chamar a polícia para a desocupação do local, e foi fotografado apertando a mão do chefe de polícia, ato esse que aconteceu por mera educação, pois o chefe de polícia estendeu a mão para Adorno. Mas, tal foto gerou uma grande repercussão entre os alunos da Universidade, que acreditaram que Adorno estava aliando-se à opressão e, assim, começaram a boicotar as aulas de Adorno. Um dia para causar constrangimento ao professor, os alunos o pressionaram contra a parede e três alunas mostraram os seios como sinal de desprezo. Com sentimento de humilhação, Adorno foi para Suíça e chegou a falecer lá em 1973. Adorno adorava seu trabalho, tinha seu trabalho como um hobby, pois de acordo com Alvaro L. M. Valls, para Adorno, “trabalhar e se divertir era a mesma coisa” (TIBUTI, 2009, p. 41).

Contudo, vale ressaltar que os membros da Escola de Frankfurt só conhecem o texto de Marx e Engels, *A ideologia Alemã*, doze anos após a inauguração do instituto. Em 1937, Max Horkheimer publica uma obra intitulada *Teoria tradicional e teoria crítica*, e tem por objetivo definir esses dois conceitos e unir teoria e prática. O autor já inicia a obra definindo o que é teoria, como se pode ver;

(...) No sentido usual da pesquisa, teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais. Quando menor for o número dos princípios mais elevados, em relação às conclusões, tanto mais perfeita será a teoria. Sua validade real reside na consonância das proposições deduzidas com os fatos ocorridos. Se, ao contrário, se evidenciam contradições (*Widersprueche*) entre a experiência e a teoria, uma ou outra terá que ser revisada. Ou a revisão foi falha, ou

há algo discrepante nos princípios teóricos. Portanto, no que concerne aos fatos, a teoria permanece sempre hipotética. Deve-se estar disposto a mudá-la sempre que se apresentem inconvenientes na utilização do material. Teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser utilizado na caracterização dos fatos minuciosamente quanto possível (...) (HORKHEIMER, 1991, p. 31).

Com isso, para Horkheimer, a teoria tradicional aparece como uma construção matemática, no qual o número de termos que constitui as teorias vai diminuindo e os que permanecem são substituídos por símbolos matemáticos. Dessa forma, a explicação teórica é estabelecida através do saber formulado intelectualmente e de um fato concreto. A teoria tradicional tem como modo de existência a partir de dados já determinados, já se espera obter determinados resultados. E de acordo com o autor, “na medida que o conceito da teoria é independentizado, como que saindo da essência interna da gnose (Erkenninis), ou possuindo uma fundamentação a-histórica, ele se transforma em uma categoria coisificada (verdinglichte) e, por isso, ideológica” (HORKHEIMER, 1991, p. 35).

A representação da teoria tradicional está em um mesmo patamar de abstração de um nível da divisão do trabalho. A teoria tradicional é trabalhada em conjunto com outras teorias ou atividades, ela se torna um objeto comum como todos outros da mesma forma que na sociedade temos uma totalidade de profissões, e mesmo que um desses ramos vá mal por decorrência de algum problema da produção capitalista, tal ramo não é visto como autônomo. E, também, pode haver casos como, por exemplo, da ciência especializada, que não contribui efetivamente na área produtiva de uma empresa, mas contribui para existência da sociedade. A lógica formal está contida na teoria tradicional, e por consequência junto à divisão do trabalho se dá o processo de produção.

Em contrapartida, a teoria crítica tem como objeto o comportamento humano e a organização estrutural da sociedade. Na teoria crítica, há uma separação entre as barreiras, entre indivíduo e sociedade. E de acordo como Horkheimer:

(...) A análise da ideologia ou a sociedade do saber, retiradas da teoria crítica da sociedade estabelecida como ramos particulares de pesquisa, não se encontram em oposição ao funcionamento normal da ciência ordenada, nem quanto à sua essência nem a relação de ambição. Nisso a autognose do pensamento é reduzida à revelação das relações entre intuição<sup>294</sup> e posição social. A estrutura do comportamento crítico, cujas intenções ultrapassam as da práxis social dominante, não está certamente mais próxima dessas disciplinas sociais do que das ciências naturais. Sua oposição ao

---

<sup>428</sup> “a separar valor de pesquisa”, na ed. De A. Schmidt. (N. dos T.)

conceito tradicional de teoria não surge nem da diversidade dos objetos nem das diversidades dos sujeitos (...) (HORKHEMER, 1991, p. 45).

Um das diferenças da teoria crítica em relação à teoria tradicional, é que a teoria crítica faz uma análise histórica através das atividades humanas que se volta para uma organização social racional através de um interesse de todos. A teoria crítica vai além da formulação de sentimentos e representações de uma determinada classe, pois descreveria a psicologia social de um determinado grupo da sociedade. Segundo o autor, “a relação entre ser e consciência é diferente nas diversas classes sociais” (HORKHEIMER, 1991, p. 49). Mas, a atividade da teoria crítica está ligada à dinâmica da classe dominada, pois, a exposição da situação histórica dessa classe é o que impulsiona. Vale ressaltar que o interesse da teoria crítica não é universalmente reconhecido e que os conceitos apresentados por ela são críticos de acordo com a atualidade. E ao se opor a um mundo partidário é vista como partidária e injusta.

Outra diferença entre teoria tradicional e teoria crítica, é que a teoria tradicional ao definir conceito engloba todas as situações de um determinado fato; enquanto, a filosofia crítica parte de conceitos abstratos, e se preocupa com a época que está sendo vivenciada, com isso, ela inicia sua pesquisa através da economia relacionada à situação de troca.

A teoria crítica da sociedade começa portanto com a ideia de troca simples de mercadoria, ideia esta determinada por conceitos relativamente universais. Tendo como pressuposto a totalidade dos saber disponível e a assimilação do material adquirido através da pesquisa própria ou de outrem, mostra-se então como economia de troca, dentro das condições humanas e matérias dadas, e sem que os próprios princípios expostos pela economia fossem transgredidos, deve conduzir necessariamente ao agravamento das oposições sociais, o que leva a guerras e a revolução histórica atual (HORKHEIMER, 1991, p. 57).

A relação de troca, por mais que seja uma troca simples, sempre estará presente na teoria crítica, pois o capitalismo sempre vai se desenvolver. E a teoria crítica da sociedade é considerada um juízo existencial e também oposicionista, por deixar transparecer as relações necessárias das deduções dos conceitos básicos das afirmações das relações reais. E esse conceito de necessidade dentro da teoria crítica é considerado crítico, por presumir, ainda que não seja de forma existente, o conceito de liberdade. Por mais, que os indivíduos possuam uma liberdade ainda que interior, consiste num pensamento idealista.

Há uma rivalidade entre as teorias desenvolvidas através do pensamento crítico e a teoria crítica da sociedade que se preocupa com as questões humanas que acaba caindo na teoria crítica, o que faz com que todas as outras teorias fiquem desvalorizadas. Contudo, mesmo com as mudanças da sociedade, a estrutura econômica continua sendo a base da teoria crítica, por isso a concepção de sociedade permanece a mesma. A teoria crítica tem como relevância a própria teoria crítica em eliminar a dominação de classe.

Para dar continuidade à concepção de ideologia trabalhada pela Escola de Frankfurt, iremos prosseguir para a obra intitulada *Dialética do Esclarecimento*, escrito por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. A primeira edição foi ditada por Gretel - mulher de Adorno - e lançada em 1947 em Amsterdã; e, a segunda edição foi escrita durante a Segunda Guerra Mundial e lançada em 1969. Tal livro tem como objetivo mostrar o processo de esclarecimento, em que o indivíduo abandona uma visão desmistificada do mundo.

O título original em alemão é *Dialektik der Aufklärung* tem sua origem está em uma carta de Adorno enviada a Horkheimer escrita na transição do nazismo e marcado pela guerra fria, em que tal expressão é utilizada como sinônimo da dialética entre cultura e barbárie. Em alemão o termo *Aufklärung* além de ser traduzido como esclarecimento, também pode ser traduzido como iluminismo ou ilustração. Mas, de acordo com Guido Antonio de Almeida, a melhor tradução para o termo seria esclarecimento, pois:

[...] em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, por uma questão de maior fidelidade: a expressão *esclarecimento* traduz com perfeição não apenas o significado histórico-filosófico, mas também o sentido mais amplo que o termo encontra em Adorno e Horkheimer, bem como o significado corrente de *Aufklärung* na linguagem ordinária. É bom que se notar, antes de mais nada, que *Aufklärung* não é apenas um conceito histórico-filosófico, mas uma expressão familiar da língua alemã, que encontra um correspondente exato na palavra portuguesa esclarecimento, por exemplo no contexto como: *sexuelle Aufklärung* (esclarecimento sexual) ou *politische Aufklärung* (esclarecimento político). Nesse sentido, as duas palavras designam, em alemão e em português, o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas e sexuais, etc.) (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 7).

O livro inicia-se com o texto *O conceito de esclarecimento*, que tem como finalidade a definição de esclarecimento. Para os autores, a função do esclarecimento é fazer com que os indivíduos abandonem a visão mistificada do mundo, gerando um desencantamento do mundo e, dessa forma, constitui uma nova forma de conhecimento.

A primeira análise feita pelos autores da transição da mistificação para um novo tipo de conhecimento é a cosmologia pré-socrática. No qual, os filósofos com certas referências aos mitos, definem uma matéria primordial que era um elemento encontrado na natureza para explicar a constituição do mundo. Tais elementos era água, *apéiron*, ar e o fogo; que constituía o pensamento de Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto e Heráclito de Éfeso, respectivamente.

Mas, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer afirmam que “(...) os mitos que caem como vítimas do esclarecimento já era produto do próprio esclarecimento” (ADORNO, e HORKHEIMER, 1985, p. 20). O processo para se chegar nessa conclusão é que o próprio esclarecimento se identifica no mito, pois o mito também é uma forma de visão de mundo, e uma forma de tentar explicar o mundo em sua volta.

Em quase todo o texto, os autores se referem aos mitos gregos. E, de acordo com o esclarecimento, os sujeitos se identificavam com as figuras míticas. Os deuses possuíam características tanto físicas quanto emocionais (sentiam raiva, amor, desejo e afins) iguais aos seres humanos, contudo, as coisas que amedrontavam os homens eram visto como algo sobrenatural.

Dessa forma, mito e esclarecimento já se encontram enraizados um no outro. Mas, é a partir desse movimento que os autores começam a distinção do que é mítico e o que é ciência. No mito, os fenômenos e acontecimentos eram explicados a partir das ações dos indivíduos, que, dessa forma, gerava uma reação. A ciência, ao tentar explicar as coisas através das repetições de leis naturais, acaba caindo no princípio do mito. E, nesse processo da busca da racionalidade para desvendar o mundo, Adorno e Horkheimer usam uma narrativa de Homero, denominada *Odisseia*, na qual Ulisses tem que usar sua racionalidade para tentar fugir dos perigos do mar ao tentar voltar para casa.

A abstração também é um instrumento do esclarecimento, no qual o sujeito é afastado do objeto. A divisão do trabalho evidencia muito bem essa questão. Ao fragmentar o trabalho, cada indivíduo fica responsável por um determinado setor, o indivíduo não se reconhece como criador daquele produto final. Na produção de uma garrafa, por exemplo, o indivíduo que fica responsável por produzir somente a tampa dessa garrafa, ao ver o produto constituído por inteiro, não se identifica com o objeto. Por consequência, o indivíduo fica alienado a todo processo de produção daquele produto.

O aparelho econômico que dita todas as regras, é que analisa e prevê quais serão as mercadorias mais consumidas pelos homens. Não se esquecendo de que esse aparelho econômico não se importa em encaixar nos seus produtos todo tipo de signos, eles adaptam seus produtos a qualquer estilo de vida ou ideologia que você queira seguir. Nessa perspectiva, onde o mundo é transformado em indústria, o pensamento é visto como ideologia pelos dominadores.

O papel da ideologia é eliminar o esclarecimento, mas ela também não é ingênua, pois mostra que o pensamento esclarecido se encontra até mesmo em um contexto mais antigo. Os autores mostram que as ideologias existentes são apenas atualizações das ideologias que já existiam anteriormente. E o pensamento derivado do esclarecimento é estabelecido através de uma ordem científica e não importa a forma que ela é transmitida, pode ser através de axiomas, ideias inatas e afins. Contudo, há uma distinção entre razão, mistificação e esclarecimento.

Como a razão não estabelece objetivos materiais, todos os aspectos estão igualmente distantes dela. Eles são puramente naturais. O princípio segundo o qual a razão está simplesmente oposta a tudo que é irracional fundamental a verdadeira oposição entre a mitologia e o esclarecimento. A mitologia só conhece o espírito na medida em que este está imenso na natureza, como potência natural. Assim como as forças existentes, os impulsos internos são para ela potências vivas de origem divinas ou demoníacas. O esclarecimento, ao contrário, repõe toda coerência, sentido, vida, dentro da subjetividade que só vem a se constituir propriamente nesse processo de reposição. A razão é para ele o agente químico que absorve a própria substância das coisas e a volatiliza na pura autonomia da própria razão. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 77).

Contudo, ao fazer uma formalização da razão, ela se transforma numa expressão do modo de produção. E assim, a dominação se reduz à forma do poder econômico e o gozo é mediatizado, é algo que não se prolonga. O poder econômico cria todo um aparato para constituição do gozo, o indivíduo depois de um dia cansativo de trabalho, procura através do gozo, sair um pouco de sua realidade e vai atrás de algum tipo de divertimento ou entretenimento, seja ele o cinema, teatro, festivais ou outros. De acordo com Adorno e Horkheimer “o gozo torna-se objeto de manipulação até desaparecer nos divertimentos organizados” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 88).

Segundo os autores, o cinema, o rádio, a televisão e outros meios de divertimento já se denominam como indústria cultural, mas só servem como ideologia para disseminar o lixo

produzido. Essa indústria tem como técnica a padronização dos seus produtos, e todo novo talento mesmo antes de ser apresentado já pertence a ela. Os filmes, músicas e outros produtos da indústria cultural são enquadrados em um enredo já formatado por ela. Por mais que os indivíduos tentem fugir dos produtos da indústria cultural, vão chegar ao ponto que sem querer ou por distração, acabam consumindo algum produto. Podendo assim afirmar que o sistema que gera a indústria cultural é o dos países industriais liberais.

São os próprios trabalhadores que sustentam essa ideologia da indústria cultural, eles se satisfazem com a produção do mesmo, pois seu objetivo é oferecer diversão. Depois de um dia cansativo de trabalho, o indivíduo procura algo para fugir daquela realidade vivida ou mesmo para tentar suportá-la, contudo, tal divertimento não pode exigir muito esforço para ser compreendido, o produto consumido já deve oferecer todo pensamento para o indivíduo. Nos dias atuais, tem-se o que é chamado de *Happy Hour*, que na tradução literal significa hora feliz, na qual o indivíduo sai do seu trabalho e se dirige a estabelecimentos que vão lhe proporcionar momentos de pura diversão, para que assim possa ser esquecidas as horas tristes, ou *Sad Hours*, passadas no trabalho.

E essa padronização do cinema, por exemplo, ao fazer com que o indivíduo saiba o que vai acontecer posteriormente no enredo do filme, faz com que tal indivíduo se sinta até mais inteligente. O conceito de cultura foi modificado depois de produção em massa.

[...] A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre a criação do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura. Falar em cultura sempre foi contrário à cultura. O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. Só a subsunção industrializada e consequente é inteiramente adequada a esse conceito de cultura. Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único – ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia – essa subsunção realiza ironicamente o conceito de cultura unitário que os filósofos da personalidade opunham à manifestações. (ADORNO e HORKHEINER, 1985, p. 108).

São os trabalhadores que consomem tudo aquilo que é produzido e são eles que levam mais a sério a ideologia do mercado do que o próprio dominador. E sempre há um medo de se inovar na cultura de massa, há uma “exclusão do novo”, pois nessa produção do mesmo, inovar poder ser perigoso. Em suma, a indústria cultural é uma indústria da diversão, como já

mencionado, ela só é um prolongamento do trabalho mecanizado. Além disso, cultura e entretenimento foram tão difundidos que fica difícil separar um do outro.

Nas propagandas da indústria cultural, na atualidade, o produto que está sendo anunciado não precisa ter grande destaque, pois o objetivo da propaganda é passar todo estilo de vida que aquele objeto pode oferecer. Com isso, o indivíduo é esquecido, o importante é o status social que exerce. “Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão” (ADORNO e HORKHEINER, 1985, p. 128). Dessa forma, o indivíduo se torna mero instrumento da cultura da diversão, da qual não consegue fugir.

E, no texto *O conceito de Iluminismo*, o objetivo do iluminismo, para Adorno e Horkheime era escapar do mundo dos feitiços. De certa forma, o mito já se encontrava na forma do esclarecimento. Com o fim da vida nômade o trabalho e a dominação tornaram-se distintos. O trabalho passou a ser concentrado, cada um exercia sua função sem a preocupação do que estava ao seu redor. Na crítica que a objetividade faz a dominação desenvolve-se o pensar, e através dessa ferramenta que o homem se afasta da natureza para poder domina-la. O iluminismo se originou da angustia da coletividade, por ter eliminado os símbolos e os conceitos universais e metafísicos.

Para responder à questão “o que é teoria?”, Adorno e Horkheimer afirmam que

No sentido usual da pesquisa, teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais. Quanto menor for o número dos princípios mais elevados, em relações as conclusões, tanto mais perfeitas será a teoria. Sua validade real reside na consonância das proposições deduzidas com os fatos ocorridos. Se, ao contrário, se evidenciam contradições (*Widersprueche*) entre a experiência e a teoria, uma ou outra terá que ser revisada. Ou a observação foi falha, ou há algo discrepante nos princípios teóricos. Portanto, no que concerne aos fatos, a teoria permanece sempre hipotética. Deve estar disposto a muda-la sempre que se apresentem inconvenientes na utilização do material. Teoria e o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minunciosamente possível. ((ADORNO e HORKHEINER, 1983, p. VER).

Podemos distinguir dois tipos de teoria: a teoria tradicional e a teoria crítica. A primeira se caracteriza por corresponder a atividade científica, mas é melhor constituída através das condições históricas do que pelo molde científico. Já na segunda, a visão da distinção entre indivíduo e sociedade como algo natural não é aceita.



O pensamento tradicional tem como objetivo definir conceitos universais através da teoria tradicional, já a teoria crítica possui pressupostos abstratos para caracteriza a economia na forma de troca; “a teoria crítica demonstra o efeito regulador da troca na qual a economia burguesa está baseada”. Pelo fato, da teoria crítica estar avançada, a teoria geral fica desacreditada. Contudo, no capitalismo monopolista o indivíduo deixou de ter o pensamento próprio.

## 2.2. IDEOLOGIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

No mundo atual ainda há um desdobramento da ideologia, seguindo a ideia de que a ideologia tem que ser estudada de acordo com o momento que está sendo vivenciada, mas muitos autores contemporâneos acreditam que tal terminologia chegou em seu esgotamento. O autor Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês que faleceu em 2017, em sua obra *Em busca da política*, faz uma crítica a essa ideia, de acordo com ele:

O anúncio do “fim da ideologia” pelos comentaristas sociais é uma declaração de intenções, mais do que descrições das coisas tais como são: não mais como uma crítica da maneira como são feitas, não mais um juízo ou censura do mundo pelo confronto da situação presente com uma alternativa de sociedade melhor. Toda teoria e prática crítica devem ser doravante fragmentadas, desreguladas, auto-referidas, singulares e episódicas como a própria vida pós-moderna. (BAUMAN, 1999, p. 131).

Dessa forma, a concepção de um fim da ideologia faz com que as críticas para a construção de uma sociedade melhor sejam abandonadas, e como o autor coloca deve ser fragmentada como a vida pós-moderna, em que se evita os debates e que cada sujeito é individualizado e responsável pelo seu próprio erro. Contraponto essa visão, na concepção de Bauman, a ideologia é:

[...] Em suma, a percepção de que nem tudo na realidade social é como deveria ser, de que algo deve ser feito para corrigir o estado de coisas vigentes e de que, seja o que for que tiver que ser feito, deve sê-lo de forma sistemática e consistente, tal percepção era a principal razão para o compromisso de tecer a tela da ideologia. Todas as ideologias nasceram da não aceitação do status quo e, sobretudo, da descrença na capacidade da própria realidade para se retificar. Todas as ideologias atuante e conjunto, mesmo quando projetavam o futuro (visualizado) no passado

(imaginado) e retratavam a novidade como uma volta e a reforma como restauração” (BAUMAN, 1999, p. 129).

E de acordo com Bauman, nas duas últimas décadas, surgiu o “conceito positivo de ideologia” que é fundado na analogia linguística, que “propôs uma ruptura radical com o programa iluminista de fundamentar o conhecimento verdadeiro na universalidade da condição humana” (BAUMAN, 1999, p.121). Essa visão positiva permite encaixar modelos cognitivos como o objetivo de modelar experiência humana para que possa fazer sentido.

Com isso, no mundo contemporâneo, a ideologia aparece a partir da contradição entre globalização e localidade. A noção de globalização faz a separação entre o poder e a política, pois a política se localiza dentro de um espaço físico, geográfico; já o poder que é o poder do capital financeiro, especificamente, não se limita dentro de um território, mas consegue abranger todos os territórios através do espaço cibernético, é possível que o capital financeiro consiga percorrer qualquer parte do mundo, o local que o capital está já não é tão importante. Com isso, o capital perde sua concepção material, não se dá de uma forma “física”.

E, dentro dessa perspectiva, quando uma ideologia é dada através do conceito positivo, em que uma ideologia só pode ser debatida a partir de outra ideologia, contradiz a visão dos comentaristas sociais, que acreditam que não há mais ideologia.

Outro autor que faz uma crítica à ideia de um fim da ideologia em muitas das suas obras é o filósofo esloveno Slavoj Žižek, mas nos deteremos em seu artigo *O espectro da Ideologia*, que se encontra na obra organizada por ele, denominada *Um mapa da ideologia*. Žižek inicia abordando a questão que atualmente ninguém consegue imaginar outro tipo de regime político e econômico que possa substituir o capitalismo, e já que tal regime deu certo até hoje, ele sobreviverá em qualquer situação, até mesmo em uma catástrofe ecológica global. O autor começa trabalhando em cima da definição de ideologia, que para ele é:

“Ideologia” pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante. Ela aparece surgir exatamente quando tentamos evitá-las e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existe (ŽIŽEK, 1996, p. 9).

Com isso, se uma ideologia é considerada “ideologia por excelência”, seu oposto também é ideológico. E o papel da crítica da ideologia é mostrar aquilo que está escondido e que só se mostra através da contingência. A ideologia não pode ser dissociada do seu conteúdo social, um conteúdo político pode ser verdadeiro, e pode ser ideológico; da mesma forma que um conteúdo político pode ser considerado precipitado e nada ideológico. Zizek, afirma que a definição de ideologia é ideologia da ideologia.

Zizek faz um contraponto à ideia pós-moderna de que atualmente não existe ideologia, que as pessoas já não são guiadas pelos discursos de massas, por isso que o título de seu texto é *O espectro da ideologia*, é como se a ideologia fosse um fantasma que fica pairando sob a realidade. Podemos observar essa questão no trecho em que o autor afirma:

Portanto, o “cerne” pré-ideológico da ideologia consiste na aparição espectral que preenche o buraco do real. É isso que todas as tentativas de traçar uma clara linha separatória entre a “verdadeira” realidade e a ilusão (ou de fundamentar a ilusão da realidade) deixam de levar em conta: para que emerja (o que vivenciamos como) a “realidade”, algo tem que ser forçado dela – em outras palavras, a “realidade”, tal como a verdade, nunca é, por definição, “toda”. O que o espectro oculta não é a realidade, mas seu “recalcamento primário”, o X irrepresentável em cujo “recalcamento” funda-se a própria realidade. existe (ZIZEK, 1996, p. 26).

Conclui-se concordando com Bauman, que não há ação ou pensamento não-ideológico, não há um pensamento neutro, vamos assim dizer. Todo pensamento estará entrelaçado a um fundamento ideológico. Acreditar que não há uma ideologia, já é uma ideologia.

E na atualidade tivemos grandes avanços, principalmente na área tecnológica que desenvolveu muito nas últimas décadas. Esses avanços contribuíram em muitas mudanças da vida e no trabalho como, por exemplo, a divisão do trabalho. O filósofo sul coreano chamado Byung-Chul Han, em seu livro *Psicopolítica; Neoliberalismo e novas técnicas de poder* aborda como é a questão do trabalho dentro de uma política neoliberal e como a tecnologia é constituída dentro desse cenário.

Para Byung-Chul Han, o indivíduo é constituído de um ideal de liberdade, mas tal liberdade está estritamente ligada à coação, pois, ao se imaginar livre, mas tento que produzir lucro, vira escravo de si mesmo e, segundo o autor, “o sujeito neoliberal como empresário não é capaz de estabelecer com os outros relações livres de qualquer finalidade. Entre empresários não surge uma amizade independente de qualquer outros fins. E contudo, *ser livre* significa

*estar entre amigos*” (HAN, 2015, p.. 12). E o ato de ser livre do sujeito é gerado através de uma liberdade conseguida e só há liberdade do capital se há uma liberdade individual, pois, é através da liberdade individual que a liberdade de capital consegue se procriar.

Com a transformação do capitalismo pelo neoliberalismo, a exploração de si mesmo dar-se à da transição em transformar o trabalhador em empresário. Neste sentido, o indivíduo explora o seu próprio trabalho, e o indivíduo além de fornecer todo equipamento para o trabalho, é também quem executa todo o trabalho. E, se caso, o negócio fracassar, o único responsável por isso é o próprio indivíduo. A autoexploração não é característica de uma classe somente, mas sim de todas, com o objetivo único de acumular riquezas.

A rede digital apareceu como uma falsa liberdade ilimitada. Ela é uma rede de controle e vigilância, uma vez que, todos os indivíduos expõem de forma “natural” e espontânea suas vidas nos meios de comunicação social. Atualmente, qualquer indivíduo tem um aparelho telefônico digital – *smartphone* - conectado a internet, que pode retratar seus afazeres diários através de fotos, vídeos em momento real, podendo também fazer marcações no mapa da localização do local que está frequentando no momento, dessa forma, tem como vigiar qualquer indivíduo sem uma coação, e daí que se dá a vigilância primária; a vigilância secundária se dá quando envolve serviços secretos. E de acordo com o autor:

Estamos a caminho da época da psicopolítica digital. Avançamos na via que leva de uma vigilância passiva a um controle ativo. O que nos precipita numa crise da liberdade de alcance máximo, pois que afeta agora a própria vontade livre. O Big Data é um instrumento psicopolítico extremamente eficaz que permite adquirir um conhecimento integral da dinâmica inerente à sociedade da comunicação. Trata-se de um conhecimento de dominação, que permite intervir na psique e condicioná-la a um nível pré-reflexivo. (HAN, 2015, p. 21).

Com essa exibição voluntária dos indivíduos sem coerção de outrem, constitui-se o que Han vai chamar de *Big Brother*, no qual cada indivíduo pode vigiar seu próximo, constituindo assim um Estado de vigilância. Tudo fica registrado nesse *Big Brother*, mas algumas coisas são omitidas, como, por exemplo, a vida carcerária; mas, ao contrário da omissão do *Big Brother*, o *big data* nada omite. E com o consumo é estimulado ao máximo nesses indivíduos, o mercado aproveita dessa autoexposição para fazer uma análise de produtos relevante para cada indivíduo, de acordo com suas preferencias – o mercado cria um banco de dados de cada indivíduo, no qual a idade, localidade, renda e outras questões pessoais influenciam muito na criação desse banco de dados - para que esses produtos sejam

sempre oferecidos a ele e aumente ainda mais o consumo. Um exemplo muito simples de como se dá esse processo são as pesquisas feitas na internet sobre um determinado produto e depois são enviadas notificações relacionadas àquele produto pesquisado. É importante ressaltar que o ato de comprar, sempre vem associado a uma emoção, pois, não se compra o produto pela necessidade, mas pela sensação do ato da compra. É a sensação do ato de comprar que é mais importante, do que o produto em si. E de acordo com o autor, para simplificar essa questão:

O Big Data surge não só sob a forma de Big Brother como também, sob a de Big Deal. O Big Data é um grande negócio. Os dados pessoais são completamente capitalizados e comercializados. Hoje, os homens são tratados e comercializados como pacotes de dados suscetíveis de exploração econômica. Os próprios seres humanos são transformados em mercadoria. O Big Brother e o Big Deal aliam-se. Fundem-se o Estado de vigilante e o mercado. (HAN, 2007, p. 74).

Da Big Data, deriva-se o dataísmo que tem seu grande auge no segundo movimento das luzes que tem como característica a transparência. E que segundo o autor “(...) o dataísmo, que pretende superar por completo a ideologia, é, em si mesmo, uma ideologia. Conduz ao totalitarismo digital. É, portanto, necessário um terceiro movimento das luzes que mostre como as luzes digitais se transformam em escravidão” (HAN, 2007, p. 67). Enquanto o primeiro movimento das luzes se dá pela razão, mais especificamente pela estatística.

O poder não faz proibições, mas ao dar-se pela sua forma negativa, a saber, pela violência, nega a liberdade. Há dois tipos de poder, o poder disciplinar e o poder inteligente. O primeiro é caracterizado por ser negativo, por determinar as coisas através da violência e proibições, com isso,

O poder disciplinar consiste em meios e instalações de reclusão. A família, a escola, o cárcere, o quartel, o hospital e a fábrica representam esse espaço disciplinar de reclusão. O sujeito disciplinar passa de um meio de reclusão a outro. Move-se, assim, num sistema fechado. Os residentes destes meios podem ser distribuídos no espaços e ordenados no tempo. A toupeira é o animal da sociedade disciplinar. (HAN, 2015, p. 27).

Han recorre a Deleuze para desenvolver melhor a questão de a toupeira ser “o animal da sociedade disciplinar”. A toupeira é uma analogia ao trabalhador, enquanto a serpente, que é um animal traiçoeiro que caracteriza o sistema neoliberal, é o empresário. Já o segundo tipo

de poder, o poder da inteligência, já é visto como proveitoso, pelo fato de permitir que indivíduos exponham suas vidas através de suas opiniões, pensamentos e afins, nesse caso, é explorada a liberdade para que o indivíduo possa ser livre para escolher os produtos que deseja.

Para reforçar a questão do poder de disciplinar, Han também recorre ao filósofo Michel Foucault, que defende a ideia que a partir do século XVII, o poder de disciplina prevalece sobre o poder de morte. O poder disciplinar é “(...) um poder de vida, cuja função não é matar, mas operar a imposição completa da vida” (HAN, 2015, p. 29). O poder disciplinar nessa perspectiva é caracterizado por ser um poder normativo e criar sujeitos obedientes. E, ao descobrir “a população”, o poder disciplinar regula, administra e controla esse setor, através de registros de controle como, por exemplo, de taxas de natalidade e de mortalidade, entre outros. E, assim, “a biopolítica é a forma de governo da sociedade disciplinar” (HAN, 2015, p. 31).

O homem é um mero objeto de dominação da técnica de dominação neoliberal, todos são controlados por ela e treinados para ter um melhor rendimento dentro do mercado. Dessa pressão que se dá para gerar mais lucro e rendimento, aparece o que o regime liberal denomina de “época do esgotamento”, em que há um esgotamento da psique, gerando algumas doenças ligadas a ela como, a depressão, por exemplo. E há uma otimização que sucinta em uma autoexploração.

É importante destacar que o regime neoliberal funciona através do choque, em que o sistema aproveita de um momento em que a sociedade está em estado de choque recorrente de algum problema ocorrido, para fazer com que a sociedade tome alguma medida radical.

Em suma, podemos ressaltar que para os dois autores da pós-modernidade, a tecnologia é ponto crucial para a circulação de capital, pois, para Bauman é através dela que o capital consegue ir de uma fronteira a outra sem nenhum empecilho; enquanto, para Han, a tecnologia aumenta o consumo, porque ela consegue fazer um mapeamento de produtos “personalizados” de cada indivíduo, para que, assim, esses produtos possam ser sempre oferecidos a eles.

E, com os avanços tecnológicos que temos a cada dia, há um aumento das ferramentas de vigilância e incentivo ao consumo. Atualmente, há inúmeros aplicativos de compra e anúncios de vendas. Como já foi dito acima, as redes sociais exercem uma grande influência

nesse cenário. Contudo, as redes sociais também têm um papel crucial no meio político e educacional, pois, ela viabiliza e faz circular uma produção de informação muito grande, consegue concentrar pessoas com os mesmos ideais, promove eventos de vários tipos – desde encontros pessoais até grandes manifestações -, possibilita debates e inúmeras outras possibilidades.

Entretanto, pelo fato da identidade poder ser omitida nas redes sociais, muitos indivíduos aproveitam dessa situação para promover discursos de ódio. Muitos indivíduos se “escodem” atrás das telas e através delas se sentem mais seguros para levar uma vida que às vezes não condiz com a vida real e também para expressar opiniões que não teriam coragem de expor em um debate ou conversa pessoal. E é nas redes sociais que encontra-se um número excessivo de preconceito em relação a cor, opção sexual, mulheres, religião e afins.

De acordo com Marcelo Andrade e Magda Pischetola no artigo escrito em conjunto *O discurso de ódio nas mídias sociais: a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem*, não é fácil identificar o discurso de ódio dentro dessas mídias sócias, pois ele assume duas características: a primeira delas é que o discurso de ódio é expressado “como um sentimento de raiva ou como expressão da violência” (ANDRADE, M., PISCHETOLA, M. 2006, p. 1380); e, a segunda característica é que o discurso de ódio se dá a partir de uma inaptidão ao amor. E, segundo esses autores

O discurso do ódio seria, segundo a compreensão assumida em nossa análise, irracional (sem razões éticas suficientes que o sustente), mas racional (com discurso e argumento fortemente articulado). Assim, o ódio é um fenômeno que precisa ser admitido e desmontado em sua fragilidade ética. Em geral, ele é, do ponto de vista argumentativo, frágil, mas não se deve menosprezar sua capacidade de destruição das relações sociais, de deturpação dos conhecimentos sistematizados e rigorosos. Assim, o discurso do ódio – em especial, aquele que é potencializado pelas mídias sociais – deve se tornar uma pauta urgente e necessária, nas práticas curriculares. (ANDRADE, M., PISCHETOLA, M. 2006, p. 1381)

Ao expor um discurso de ódio na internet, o indivíduo pode ter facilidade de encontrar rapidamente pares que compartilham do mesmo pensamento, dessa maneira, as opiniões e ideias podem ser replicadas de uma maneira acelerada e também uma facilidade dessas mensagens serem apagadas em momentos que tragam dano para o indivíduo que iniciou esse embate. E com a pesquisa feita pelos autores com esse anonimato que a internet proporciona, há um crescente de extremismo.

Para evitar os discursos de ódio, não só nas mídias sociais, os autores propõem que os jovens devam ser formados criticamente para que eles possam identificar esse tipo de discurso, mas não só na forma escrita, mas também em outros aspectos textuais - como, por exemplo, imagens, charges - e, em aspectos musicais.

E para sucinta a tolerância, é proposto três habilidades. A primeira habilidade é buscar informações e desenvolver um senso crítico; em seguida, é necessário e importante valorizar as diferenças e, por fim, “articular justiça como mínimo e a felicidade como uma máxima é também uma habilidade a ser desenvolvida” (ANDRADE, M., PISCHETOLA, M. 2006, p. 1380). Dessa forma, é possível que seja mais fácil identificar um discurso de ódio.

### **3. CONCLUSÃO**

Com a crise econômica e social que se instaurou a partir de 2008 no cenário mundial, há uma onda de escassez de alimento e o aumento de desemprego, fazendo com que gerasse um descontentamento entre os indivíduos e assim eclodiram várias manifestações e revoltas ao redor do mundo a partir de 2011; começando no norte da África, passou pela Tunísia, Egito, Líbia, ainda pela Europa, até a ocupação de uma das ruas de Manhattan que é considerada o coração do setor financeiro dos Estados Unidos, a saber, Wall Street. Além da televisão, a internet e as redes sociais tiveram grande importância e influência dentro desse cenário, pois, foi através das redes sociais que os indivíduos conseguiam se organizar e transmitir tudo o que estava acontecendo de forma imediata. A partir desses movimentos, as pessoas começaram a discutir a questão política que está em sua volta, trouxeram para discussão temas como desigualdade e injustiça.

No caso do Brasil, com o cansaço da população gerado pelos abusos feitos pelo governo, a população de São Paulo junto com o Movimento Passe Livre (MPL), em Janeiro de 2013, foi às ruas para mostrar sua indignação sobre o aumento da passagem, conseguindo assim, a revogação do aumento em Taboão da Serra. Contudo, em Junho de 2013, mais de 100 cidades do Brasil foram às ruas para protestar contra o mesmo abuso; tal movimento ficou conhecido como Jornadas de Junho. Vale ressaltar que a maioria dos jovens que constituía essas manifestações era de classe média e que as redes sociais também foram protagonistas nesses movimentos. E de acordo com Raquel Rolnik:



Qual a conexão entre o movimento no Brasil e outros tantos do planeta, como o que ocorreu ao mesmo tempo em Istambul, a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street, os Indignados da Espanha? Esses movimentos transformaram da praça Tahrir, no Egito, à praça do Sol, em Madri, da praça Syntagma, na Grécia, ao parque Zuccotti, nos Estados Unidos, passando pela praça Taksin, na Turquia; em palcos de protestos majoritariamente composto por jovens, convocados por meio de redes sociais, sem a presença de partidos, sindicatos e organizações de massa tradicionais. (MARICATO, *et al.*, 2013, p.11).

Dessa forma, podemos observar que pelo fato de os protestos em todos esses lugares serem organizados pelas redes sociais entrar no conceito de “Estado de vigilância” que Han (2015) explicita, diante disso, os governos conseguem acompanhar todo o processo de organização desses atos e é partir daí que os governos conseguem colocar mais policiamento nas ruas para tentar conter os movimentos, além de tentar enquadrar de uma forma implícita dentro dos movimentos alguma pauta que vai ser de benefício do próprio governo. De acordo com Leonardo Sakamoto, sobre as redes sociais, mais especificamente sobre o *Facebook* e o *Twitter*,

[...] essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventado, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação política (MARICATO. *et al.*, 2013, p. 95).

Lembrando que, não podemos tirar o mérito da televisão, por mais que ela seja considerada uma “velha mídia”, ela ainda exerce certa influência, pois é ela que detém o monopólio de levar as coisas a público e é partir dela que os movimentos vão ter a visibilidade de que precisam. Mas, essa “velha mídia” esta propensa em mostrar os fatos de acordo com seus interesses. Em um primeiro momento, a mídia brasileira defendia a ideia de que as manifestações da Jornada de Junho deveriam ser reprimidas, mas, conforme a alteração dos acontecimentos, essa mídia começou a cobrir esses movimentos de forma imparcial, introduzindo algumas pautas que essa mídia defende. Essa questão dos interesses da mídia nos movimentos sociais fica mais clara nas manifestações ocorridas no Brasil em 2016, no qual tinha como pauta a corrupção e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. De acordo com Marilena Chauí:

As manifestações de 2016 evidenciaram as divisões políticas que atravessam a nova classe trabalhadora quando parte dela acompanhou a classe média, que, encorajada e

empurrada pelos meios de comunicação de massa e partidos políticos de oposição, ergueu sua tradicional bandeira de luta contra a corrupção política e em favor de um golpe de Estado para restaurar “a ordem e o progresso”. E o fez com uma violência, um ressentimento e um desejo sombrio de vingança não encontrados nem mesmo nas Marchas pela Família que encabeçaram o golpe de 1964. (SINGER. *et al*, 2016, p. 22)

Além dos enfoques que a mídia dava as notícias de corrupção nos telejornais, ela televisionava todo o processo de *impeachment* como, por exemplo, a votação na câmara dos deputados, presidida pelo deputado Eduardo Cunha - que foi posteriormente afastado do cargo por ser acusado por corrupção, no qual prevaleceu os votos a favor do *impeachment*. Mas, nessa votação não houve outro argumento do voto, além de ser por Deus e pela família brasileira, para justificar os votos a favor, não houve nenhuma justificativa coerente baseada nas leis para que ocorra a saída da presidenta. Com a saída de Dilma Rousseff, quem assumiu o cargo foi seu vice Michel Temer, que hoje está com vários processos de corrupção.

Todo esse processo que ocorreu para o *impeachment* e todos os escândalos de corrupção que só vêm aumentando deixaram a população em choque e anestesiada, dessa forma, o governo atual vem tentando implementar medidas abusivas já que a população está exausta e mais receptiva a aceitar essas novas medidas como, por exemplo, as mudanças na previdência social.

E, assim, prevalece a política neoliberal, em que a classe média em seu anseio por ordem e segurança, faz com que esteja mais perto de seu sonho de virar classe dominante e mais distante de seu pesadelo de virar proletário; fazendo que, assim, a classe média se converta em uma ideologia conservadora e reacionária.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6ª edição - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Conceito de Iluminismo**. Textos escolhidos. São Paulo: Abril, 1983.

ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

ALI, Tariq. O espírito da época. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

ANDRADE, Marcelo; PISCHETOLA, Magda. **O discurso de ódio nas mídias sociais: A diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem**. Revista e-Curriculum. São Paulo, v. 14, nº 04, p. 1377-1394 out./dez. 2016. Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo. PUC-SP. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/about>. Acessado em 20 de abril de 2018 às 15 horas.

BAUMAN. Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de filosofia. Tradução de Desidério Murcho, et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRETAS, Aléxia. Os sonhos da história. O projeto inacabado de Walter Benjamin. **Mente, Cérebro e filosofia**. São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista Mente e Cérebro.

CARNEIRO, Henrique Carneiro. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

CHAUI, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para

entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

CLETO, Murilo. O triunfo da antipolítica. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

DAVIS, Mike. Chega de chiclete. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

DUDLEY, Will. **Idealismo Alemão**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. (Série Pensamento Moderno)

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin. Memória, história e narrativa. **Mente, Cérebro e filosofia**. São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista Mente e Cérebro.

GATTI, Luciano Ferreira. Theodor W. Adorno e a indústria cultural. **Mente, Cérebro e filosofia**. São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista Mente e Cérebro.

HARVEY, David. Os rebeldes na rua: o partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas**. Do liberalismo ao fascismo. Volume 1. Tradução de Janaína MarcoAntonio e Mariane Janikian. 1º edição – São Paulo: Ática 2010.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas**. Do feminismo ao multiculturalismo. Volume 2. Tradução de Janaína MarcoAntonio e Mariane Janikian. 1º edição – São Paulo: Ática 2010.

JINKINGS, Ivana. O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

JR., Arnaldo Boito. Os autores e o enredo da crise política. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

MARICATO, Ermínia. É questão urbana, estúpido! In: MARICATO, Ermpinia, et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1º edição. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013. (Tinta Vermelha)

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã.** Tradução de Rubens Ennderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorato. São Paulo: Boitempo, 2007.

MIGUEL, Luis Felipe. A democracia na encruzilhada. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

NETTO, José Paulo (Org). **O leitor de Marx.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica.** 3º edição – Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Filosofia passo-a-passo; 47)

PALHARES, Taísa. Bejamin: experiência e vivência. Arqueologia da modernidade e perda da aura. **Mente, Cérebro e filosofia.** São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista *Mente e Cérebro*.

PESCHANSKI, Alexandre João. Os “ocupas” e a desigualdade econômica. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY.** São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

REPA, Luís Sérgio. Max Horkheimer. Teoria Crítica e materialismo interdisciplinar. **Mente, Cérebro e filosofia.** São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista *Mente e Cérebro*.

\_\_\_\_\_. A Crise da Teoria Crítica. Razão Instrumental e declínio do indivíduo. **Mente, Cérebro e filosofia**. São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista Mente e Cérebro.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. . In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SADER, Emir. Crise capitalista e novo cenário no Oriente Médio. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

SAFATLE, Vladimir. Amar uma ideia. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SINGER, André. Por uma frente ampla, democrática e republicana. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta Vermelha).

SORIA, Ana Carolina Soliva. Dialética do esclarecimento. A modificação do homem. **Mente, Cérebro e filosofia**. São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista Mente e Cérebro.

\_\_\_\_\_. Adorno: Minimamoralia. O passado preservado no presente. **Mente, Cérebro e filosofia**. São Paulo: Duetto editorial. Edição nº 7. Série da revista Mente e Cérebro.

TIBURI, Marcia., DUARTE, Rodrigo. **Seis leituras sobre a dialética do esclarecimento**. Ijuí: Unijuí, 2009.

TELES, Edson. Democracia, segurança pública e coragem para air na política. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. A esquerda mundial após 2011. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

ZIZEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, David; et al. **OCCUPY**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

\_\_\_\_\_. Problemas no Paraíso. . In: MARICATO, Ermínia; et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.